

**IX ENCONTRO MUNDIAL DAS FAMÍLIAS**  
**DUBLIM, 21-26 DE AGOSTO DE 2018**  
**O EVANGELHO DA FAMÍLIA: ALEGRIA PARA O MUNDO**

**PRIMEIRA CATEQUESE: AS FAMÍLIAS DE HOJE**

**“FILHO, PORQUE NOS FIZESTE ISTO?  
OLHA QUE TEU PAI E EU ANDÁVAMOS AFLITOS, À TUA PROCURA!” (Lc 2,48)**

*Maria, **Mulher da escuta**, abre os nossos ouvidos;  
faz com que saibamos ouvir a Palavra do teu Filho Jesus,  
no meio das mil palavras deste mundo;  
faz com que saibamos ouvir a realidade em que vivemos,  
cada pessoa que encontramos,  
especialmente quem é pobre e necessitado, quem se encontra em dificuldade.*

*Maria, **Mulher da decisão**,  
ilumina a nossa mente e o nosso coração,  
para que saibamos obedecer à Palavra do teu Filho Jesus, sem hesitações;  
concede-nos a coragem da decisão,  
para não nos deixarmos arrastar  
para que outros orientem a nossa vida.*

*Maria, **Mulher da ação**,  
faz com que as nossas mãos e os nossos pés  
se movam «apressadamente» rumo aos outros,  
para levar a caridade e o amor do teu Filho Jesus,  
para levar ao mundo, como tu, a luz do Evangelho. Amém!*

*(Papa Francisco, Praça São Pedro 31 de maio de 2013)*

Os Evangelhos narram-nos pouquíssimos acontecimentos da Sagrada Família de Nazaré. Tudo o mais é deixado à nossa imaginação, considerando que foram cerca de trinta anos, os que Jesus viveu em Nazaré com os seus. Os poucos episódios transmitidos, tornaram-se fundamentais para a compreensão do mistério desta família. A única história que nos apresenta Jesus aos doze anos (naquela época, esta idade não era apenas a de um adolescente, mas de uma pessoa que acaba de atingir a idade da maturidade), que interage com os seus pais, está no Evangelho de Lucas, e é conhecida como a história do "encontro de Jesus no templo a discutir com os doutores da lei".

Certamente teríamos esperado a narração de uma página idílica da Sagrada Família, um pouco como a dos anúncios publicitários, em que todos os membros da família são bonitos, sempre sorridentes e felizes, em total e absoluto entendimento mútuo. No entanto, para nossa grande surpresa, o Evangelho conta-nos outra história muito diferente. Para usar uma expressão, hoje muito na moda, a Família de Nazaré "está em crise". Maria e José são pessoas muito religiosas, vão pontualmente todos os anos ao templo de Jerusalém, para a festa da Páscoa, como nos narra Lucas, levam consigo Jesus, para o educar nestas celebrações religiosas mas, de repente, na viagem de regresso de Jerusalém, após um dia de caminho, não encontram Jesus no grupo. Esta família vai a

rezar, todavia, aparentemente, a sua oração e devoção religiosa não a preserva deste tipo de vicissitudes familiares.

Imaginemos então o que Maria e José experimentam face a este acontecimento absolutamente inesperado. Um pai e, acima de tudo, uma mãe entendem bem a terrível angústia que experimentam os pais, quando não encontram o seu filho e não sabem onde procurá-lo. Em definitivo, esta Sagrada Família não nos dá uma boa impressão, não nos oferece um bom testemunho e não pode servir-nos de exemplo. Porque razão o evangelista Lucas nos narra, e quer que fique registado para a história, este episódio tão dramático? Tudo isto desconstrói a nossa maneira de imaginar esta Família, e certamente nos projeta mais além, para um mistério maior, que escapa à nossa compreensão. O Papa Francisco, na *Amoris Laetitia*, abre-nos os olhos, perante este mistério: «*A Bíblia aparece cheia de famílias, gerações, histórias de amor e de crises familiares desde as primeiras páginas, onde entra em cena a família de Adão e Eva, com o seu peso de violência, mas também com a força da vida que continua* (cf. Gn 4)» (AL 8). A Palavra de Deus não nos apresenta, em absoluto, uma imagem idealista e abstrata da família, como esperávamos, mas oferece ao nosso olhar, diferentes histórias de famílias concretas, com a singularidade e a particularidade dos seus problemas, dificuldades e desafios. A Palavra remete-nos diretamente para a realidade com «*a presença do sofrimento, do mal, da violência, que dilaceram a vida da família e a sua comunhão íntima de vida e de amor*» (AL 19). Do mesmo modo, apresenta «*o ícone da família de Nazaré, com o seu dia a dia feito de fadigas e até de pesadelos, como quando teve de sofrer a violência incompreensível de Herodes, experiência que ainda hoje se repete, tragicamente, em muitas famílias de refugiados descartados e desamparados*» (AL 30).

O ponto fundamental, portanto, não é a ausência de crise nas famílias (não há uma única família, nem mesmo a Sagrada Família, que esteja isenta), mas como reagir perante qualquer crise. A passagem evangélica de Lucas, na sua previsão e concretização, oferece a todas as famílias as coordenadas fundamentais, que se convertem em verdadeira escola de vida para todos. À primeira vista, nós os pais de hoje, que cuidamos e prestamos uma atenção permanente aos nossos filhos, dar-nos-íamos, imediatamente, conta da imprudência de José e Maria, ao deixar o seu Filho sozinho e desamparado, durante um dia inteiro, na sua viagem de regresso a casa. Na realidade, naquela cultura, Jesus já não é considerado de menor idade, razão pela qual é tratado como um de sua idade. Para além disto, podemos também dar-nos conta de outro elemento mais profundo, atribuindo-lhe um nome amplamente utilizado, tanto de âmbito social como eclesial: “*desafio educacional*”. A este respeito, o Papa Francisco oferece-nos a todos uma clarividente indicação: «*a obsessão não é educativa; e também não é possível ter o controle de todas as situações por que passa um filho. [...]. Assim, a grande questão não é onde está fisicamente o filho, com quem está neste momento, mas onde se encontra em sentido existencial, onde está posicionado do ponto de vista das suas convicções, dos seus objetivos, dos seus desejos, do seu projeto de vida. Por isso, eis as perguntas que faço aos pais: «Procuramos compreender “onde” estão verdadeiramente os filhos no seu caminho? Sabemos onde está realmente a sua alma? E, sobretudo, queremos sabê-lo?»*» (AL 261).

Encontramo-nos, frequentemente, diante de um grande número de pais, que se empenham para que os seus filhos possam aprender muitas atividades educativas, desportivas, artísticas, talvez impelindo-os a fazer coisas que eles mesmos gostariam de ter feito enquanto jovens, mas que nunca se detêm a escutar, mesmo por um momento, tudo que há no seu coração. José e Maria correm este risco, com toda a angústia que isso implica, e somente após três dias, três longos e intermináveis dias, encontram Jesus no templo. A sua primeira reação é o espanto, porque, como lemos na *Amoris Laetitia*, «*é inevitável que cada filho nos surpreenda com os projetos que brotam desta liberdade, que rompa os nossos esquemas; e é bom que isto aconteça. A educação envolve a tarefa de promover liberdades responsáveis, que, nas encruzilhadas, saibam optar com sensatez e inteligência; pessoas*

que compreendam sem reservas que a sua vida e a vida da sua comunidade estão nas suas mãos e que esta liberdade é um dom imenso.» (AL 262). O filho é sempre uma surpresa, é sempre um mistério para os pais desde a sua concepção. «Com os progressos feitos pela ciência, é possível saber de antemão a cor que terá o cabelo da criança e as doenças que poderá ter no futuro, porque todas as características somáticas daquela pessoa estão inscritas no seu código genético já no estado embrionário. Mas, conhecê-lo em plenitude, só consegue o Pai do Céu que o criou: o mais precioso, o mais importante só Ele conhece, pois é Ele que sabe quem é aquela criança, qual é a sua identidade mais profunda.» (AL 170). Portanto, diante do mistério do filho, a atitude mais verdadeira nunca pode ser de julgamento, desilusão, acusação, condenação. Quantas vezes brotam dos lábios dos pais afirmações que, realmente, matam um filho: “Tu não és o filho que eu esperava!”. Face a este «reflexo vivo do seu amor, sinal permanente da unidade conjugal e síntese viva e indissociável do ser pai e mãe» (AL 165), a atitude mais santa é a abertura às surpresas de Deus. Tudo isto não se consegue de maneira espiritualista ou, para o dizer de outra forma, de modo não humano. É evidente que o inesperado molesta, perturba e provoca angústia, como no caso de José e Maria, que procuram Jesus aflitos.

O Evangelho não desumaniza o coração do homem, mas respeita e dá voz aos sentimentos, que não são nem bons nem maus e, ao mesmo tempo, ensina-nos como nos relacionar com os nossos sentimentos: devemos sempre questionar-nos e perguntar. Eles fazem uma pergunta a Jesus, ou melhor é precisamente Maria, que em nome de ambos, pergunta a Jesus. Servindo-se de palavras de modo extraordinariamente conciso, abre-nos ao verdadeiro mistério da paternidade: «Filho, porque nos fizeste isto? Olha que teu pai e eu andávamos aflitos, à tua procura!» (Lc 2,48). O filho é sempre filho e, como tal, há de sempre ser chamado, reconhecido e amado. A um filho há que perguntar e questionar sempre, nunca para o acusar ou condenar, e um pai nunca deve ter medo de se envolver a si mesmo no relacionamento com o filho: “Porque me fizeste isto?”. O que está em jogo não é a regra moral ou o dever ou o que é certo ou errado. O mais importante é o relacionamento e, neste caso específico, a relação fundamental entre pai e filho.

Maria vai ainda mais longe. Não só evidencia a relação entre pai e filho, como também a relação entre pai, mãe e filho na sua plenitude e integridade. Ela, como mãe, não só fala em seu próprio nome, mas primeiro fala em nome do pai e depois em nome dela própria. Por trás desta sequência há uma ordem extraordinária da paternidade e da maternidade na relação com os filhos. Com razão, o Papa Francisco afirma que «ambos “contribuem, cada um à sua maneira, para o crescimento dum criança. Respeitar a dignidade dum criança significa afirmar a sua necessidade e o seu direito natural a ter uma mãe e um pai”. Não se trata apenas do amor do pai e da mãe separadamente, mas também do amor entre eles, captado como fonte da própria existência, como ninho acolhedor e como fundamento da família. Caso contrário, o filho parece reduzir-se a uma posse caprichosa. Ambos, homem e mulher, pai e mãe, são “cooperadores do amor de Deus criador e como que os seus intérpretes”. Mostram aos seus filhos o rosto materno e o rosto paterno do Senhor» (AL 172).

Porque é que fala Maria e não José? Porque é que nomeia primeiro o seu esposo? Porque desde que o mundo é mundo, não podemos de modo algum negar a singularidade do relacionamento da mãe com o filho, concebido e carregado no seu ventre: é ela quem «colabora com Deus, para que se verifique o milagre dum nova vida» (AL 168). Este carregar o filho dentro de si, nas suas próprias entranhas, não é apenas um elemento anatómico ou fisiológico ou temporal da mãe, mas afirma uma dimensão permanente, que caracteriza a maternidade da mulher. Maria fala a Jesus porque ela tem um relacionamento de maior proximidade e intimidade com seu filho, mas ao mesmo tempo (uma coisa que deveriam aprender a fazer sempre todas as mães de hoje) ela atua como intermediária de José e afirma a antecedência da paternidade em relação à maternidade. Aqui

estamos longe de um discurso cultural, social ou moral, ou ainda mais, machista, que afirma a prioridade do pai sobre a mãe.

A história do Evangelho projeta o nosso olhar muito mais longe, mais profundo e mais alto: o pai é como um sinal da Paternidade de Deus. Com efeito, o que acontece hoje? «Uma “sociedade sem pais”. Na cultura ocidental, a figura do pai estaria simbolicamente ausente, distorcida, desvanecida.» (AL 176). Deste modo, o Evangelho ilumina-nos sobre uma verdade fundamental: «os filhos têm necessidade de encontrar um pai, que os espera quando voltam dos seus fracassos. Farão de tudo para não o admitir, para não o revelar, mas precisam dele» (AL 177). Se Maria e José interagem como mãe e pai em relação a Jesus, é porque entre eles há uma viva cumplicidade conjugal. Quantas vezes esquecemos que o fundamento da paternidade não são os filhos (não nos tornamos pais unicamente com o nascimento natural do filho, e José é um testemunho concreto), mas com a conjugalidade do casal.

De fato, a crise fundamental, vivida hoje mais do que nunca pelas famílias, preocupa-se precisamente com o analfabetismo afetivo, que parte da relação fundamental entre os esposos em todas as outras áreas, gerando a «cultura do provisório». Refiro-me, por exemplo, à rapidez com que as pessoas passam duma relação afetiva para outra. Creem que o amor, como acontece nas redes sociais, se possa conectar ou desconectar ao gosto do consumidor e, inclusive, bloquear rapidamente. Penso também no medo que desperta a perspectiva dum compromisso permanente, na obsessão pelo tempo livre, nas relações que medem custos e benefícios e mantêm-se apenas se forem um meio para remediar a solidão, ter proteção ou receber algum serviço. Transpõe-se para as relações afetivas o que acontece com os objetos e o meio ambiente: tudo é descartável, cada um usa e joga fora, gasta e rompe, aproveita e espreme enquanto serve; depois... adeus» (AL 39). Tudo isso desencoraja claramente a geração mais jovem em formar uma família, assustada pelo fracasso daqueles que fizeram essa escolha antes deles.

Nesse sentido, a Família de Nazaré torna-se um farol não ideal, mas real, porque também, nas contradições e nos absurdos dos acontecimentos da sua vida, mostra a todas as gerações «a alegria do amor» (AL 1), que se vive dentro do lar. Por esta razão, o Santo Padre afirma decididamente: «A aliança de amor e fidelidade, vivida pela Sagrada Família de Nazaré, ilumina o princípio que dá forma a cada família e a torna capaz de enfrentar melhor as vicissitudes da vida e da história. Sobre este fundamento, cada família, mesmo na sua fragilidade, pode tornar-se uma luz na escuridão do mundo. “Aqui se aprende [...] uma lição de vida familiar. Que Nazaré nos ensine o que é a família, a sua comunhão de amor, a sua austera e simples beleza, o seu carácter sagrado e inviolável; aprendamos de Nazaré como é preciosa e insubstituível a educação familiar e como é fundamental e incomparável a sua função no plano social”» (AL 66).

Queremos aprender a ser uma família? Vamos deitar fora o modelo idealista que temos na nossa cabeça e olhemos para a Sagrada Família, que mostra a todos como os acontecimentos críticos da vida são uma fonte inesgotável de graça e de santificação para o mundo inteiro.

## EM FAMÍLIA

### **Refletamos**

1. De que modo uma crise familiar pode tornar-se fonte inesgotável de graça?
2. Em vosso entender, qual é a especificidade da maternidade ou da paternidade?

### **Vivamos**

1. Certamente na vossa vida familiar e conjugal há dificuldades, problemas, as chamadas “crises”. Como as enfrentastes? Como as deveríeis ter enfrentado, à luz da catequese que meditastes?
2. Como vives o ser pai ou o ser mãe com o cônjuge que Deus colocou ao teu lado? Como podes levar o teu filho ou os teus filhos a experimentar a inter-relação entre a paternidade e a maternidade?

## **NA IGREJA**

### ***Refletamos***

1. Porque é difícil que a beleza da cultura do amor para sempre, resulte atrativa face à cultura do temporal?
2. Em que sentido a paternidade de Deus é fundamento de toda a paternidade terrena?

### ***Vivamos***

1. Como deveria interagir uma comunidade eclesial com as múltiplas e frequentes crises familiares? Que estilo, que métodos, que instrumentos, que espaços e o que mais é chamada a oferecer?
2. Ser pais e mães é a missão mais difícil e complexa. De que modo a Igreja é chamada a contribuir nesta missão singular e única?